



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente Assembleia
Geral da UMAR-Açores

Questões de Género no Século XXI: Parte VI

Dando continuidade à nossa reflexão sobre a Masculinidade hoje, sigo o sabor do verão, a chamada *silly season*, dando dois exemplos que, à primeira vista, podem parecer mesmo *silly*, mas que expressam, embora de forma peculiar e até patética, uma ansiedade primordial de manter a bravura masculina, pura e dura, e até de debelar o próprio tempo.

Tendo em conta o frenesim que se vive hoje nos Estados Unidos, propulsionado pelo machismo primitivo e o desejo de retaliação contra as políticas de inclusão e igualdade, não é de admirar que o Jornalista de Gastronomia, Rafael Tonon, do *Washington Post* e *El País*, ao analisar o consumo e o papel da carne na contemporaneidade, observe: Nos EUA, a carne tornou-se um símbolo ideológico, defendido por figuras da direita populista, como o dubio Secretário da Saúde, Robert F. Kennedy Jr. (Não esquecer o Jr., pois o pai, homem de princípios e de bem que foi, deve estar a dar voltas no túmulo!)

Este Jr. e outros republicanos lideraram um movimento que associa o consumo de carne vermelha à virilidade, à liberdade individual e à rejeição de causas como justiça racial e igualdade de género. A dedicação à causa é tal que assumem o nome de *carnibros* – os irmãos de carne e osso, digamos assim – homens (quase sempre brancos) que seguem dietas exclusivamente carnívoras e um estilo de vida centrado na força física, na rejeição da ciência nutricional e sobre o impacto da dieta carnívora no meio ambiente.

Como se tal não bastasse, segundo o jornal *New York Times*, a prática de congelar o corpo após a morte para ser, no futuro, ressuscitado pela ciência – a chamada criónica (do inglês *cryonics*, por sua vez, do grego *kryos*, gelo ou congelado) – atrai especialmente (mais de 75%) homens brancos, sem ligações a nenhuma religião. Valha-nos Deus!

E que o verão seja bom! ■



Mulheres com Deficiência: Resistir ainda vale mais do que ter Direitos

Ainda que as últimas décadas tenham aberto portas a importantes alterações legais e ao modo como socialmente se convive com a deficiência, as mulheres com esta condição continuam a enfrentar barreiras estruturais, físicas, comunicacionais e atitudinais, substanciadas na livre circulação de estereótipos que alimentam o preconceito e a discriminação em razão do género e da deficiência.

As poucas referências históricas falam-nos sobre mulheres defeituosas e incapazes, encerradas no espaço doméstico, longe da vida pública, vistas como objeto de cuidado e raramente como protagonistas das suas próprias vidas. A sociedade consolidou normas de género e padrões de funcionalidade a partir de visões restritivas, duplamente preconceituosas que ainda hoje influenciam a percepção de autonomia e capacidade da mulher, bem como a interpretação dos conceitos de dependência e autodeeterminação que se encerram num espectro de fragilidade que convida à violência e aos maus tratos sobre a mulher.

Contrariando a hostilidade que o mundo moderno pretende vestir com a tendência inclusiva, mulheres com deficiência têm ressoado em movimentos sociais, na política, na arte, na ciência e no desporto, resistindo às mais

dissimuladas formas de discriminação e diligenciando para a aplicação definitiva de diretivas nacionais e internacionais onde estão consagrados os direitos das pessoas com deficiência.

Porventura, com menor visibilidade, num lugar perto de nós, outras mulheres com a mesma condição continuam também a resistir sem o conformismo de outrora. Sabem que falta apenas um passo que depende mais da vontade política do que de recursos financeiros e que as suas lutas silenciosas e silenciadas não foram, nem são em vão. São mulheres que percebem, por experiência própria, a importância de resistir, sabem que resistir ainda vale mais do que reclamar direitos. Deixamos a porta aberta. Haja justiça social. ■

Ana Catarina Gomes
Assistente Social ACAPO



ACAPO

ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS
E AMBLÍOPES DE PORTUGAL



Janela para o Futuro

Victor Rui Soares
Professor e Escritor

Uma Escrita no Feminino, do Passado ao Presente

Haverá uma escrita feminina por oposição a uma escrita masculina? Ou será a literatura misógina?

Nos finais dos anos 70 e inícios de 80 do século passado, assisti, na Faculdade de Letras de Lisboa, a muitas e desvairadas discussões sobre essa matéria. A mulher, enquanto escritora, não era então devidamente valorizada. Críticos delirantes e escritores falhados acusavam Agustina Bessa Luís de fazer croquet com a escrita... Natália Correia era barroca e gongórica... Maria Velho da Costa, Isabel Barreno e Lídia Jorge possuíam, segundo Eduardo Prado Coelho, uma “escrita assumidamente uterina” ... A feminista Maria Teresa Horta bradava no deserto, acusando António Lobo Antunes de ter “uma escrita macha, marialva e grosseira”...

Outros tempos. Hoje devo dizer que não tenho tempo nem pachorra para estereis discussões académicas. Para mim é ponto assente que não há escritas masculinas nem escritas femininas – o que há são bons e maus escritores, boas e más escritas, boas e más histórias. No fundo, o que faz a grandeza da literatura é caberem nela todas as paixões do homem e da mulher. “As mulheres escrevem com o útero”? E que mal tem isso? O que é importante é que ela se exprima e se expresse enquanto mulher, e que na escrita encontre a sua expressão própria, a sua própria criatividade. ■